

O nascimento da boa mulher cristã: notas sobre a experiência de mulheres adictas em uma comunidade terapêutica religiosa

The Birth of the Good Christian Woman: Notes on the Experience of Addicted Women in a Religious Therapeutic Community

*Janine Targino*¹

*Wania Mesquita*²

Resumo

O presente artigo pretende apresentar e analisar a trajetória feminina no que tange ao desenvolvimento da dependência química e a busca por recuperação. Para tanto, serão enfocados os relatos de mulheres em tratamento contra a dependência química, entrevistadas entre os anos de 2016 e 2018, durante a pesquisa de campo em uma comunidade terapêutica de perfil religioso localizada na cidade de Campos dos Goytacazes, estado do Rio de Janeiro. Ao mesmo tempo, serão esmiuçados os relatos das dirigentes da comunidade terapêutica em questão. Diante dos dados obtidos, a principal conclusão aqui exposta é de que os processos de afastamento do uso de drogas e de transformação em mulher cristã ocorrem, simultaneamente, na medida em que a retórica religiosa ganha sentido para as mulheres em tratamento.

Palavras-chave: Dependência Química; Comunidade Terapêutica; Trajetórias Femininas; Mulher Cristã.

¹ Possui bacharelado em Ciências Sociais (2008), licenciatura em Ciências Sociais (2008), mestrado em Ciências Sociais (2010) e doutorado em Ciências Sociais (2014) pela Universidade do Estado do Rio de Janeiro. Também possui pós-doutorado em Sociologia Política pela Universidade Estadual do Norte Fluminense Darcy Ribeiro (2018). Atualmente é professora no Programa de Pós-graduação em Sociologia Política do IUPERJ-UCAM, professora na Universidade do Estado do Rio de Janeiro - UERJ e coordenadora de pesquisa vinculada à Rutgers University - New Jersey.

² Professora e coordenadora do Programa de Pós-Graduação em Sociologia Política da Universidade Estadual do Norte Fluminense Darcy Ribeiro- UENF. Graduada (bacharelado e licenciatura) em Ciências Sociais pela Universidade Federal Fluminense (1995-1996), mestrado em Sociologia pelo Instituto Universitário de Pesquisas do Rio de Janeiro/SBI (1998) e doutorado em Sociologia pelo Instituto Universitário de Pesquisas do Rio de Janeiro/SBI (2003). Pós-doutorado/ Estágio Sênior da CAPES no ISCTE-Instituto Universitário de Lisboa (2015).

Abstract

This article aims to present and analyze the female trajectory with regard to the development of chemical dependency and the search for recovery. To this end, we will focus on the reports of women undergoing treatment for chemical dependency, interviewed between the years 2016 and 2018, during the field research in a therapeutic community with a religious profile located in the city of Campos dos Goytacazes, state of Rio de Janeiro. At the same time, the reports of the leaders of the therapeutic community in question will also be discussed. Given the data obtained, the main conclusion here is that the processes of withdrawal from drug use and transformation into Christian women occur simultaneously to the extent that religious rhetoric makes sense for women in treatment.

Keywords: Chemical Dependency; Therapeutic Community; Female Trajectories; Christian Woman.

Introdução

O presente artigo pretende analisar as narrativas acerca da transformação de adictas em mulheres cristãs, construídas no âmbito de uma comunidade terapêutica religiosa (CTR) para o atendimento de mulheres dependentes químicas na cidade de Campos dos Goytacazes, região norte do estado do Rio de Janeiro.

No decorrer do artigo nos orientaremos pela definição de CTR presente em Ribeiro e Minayo (2015), onde as CTRs (muitas vezes também chamadas de Centros de Recuperação) são caracterizadas como espaços financiados ou cofinanciados por entidades religiosas e pelo Estado, que prestam serviços voltados para a recuperação de dependentes de drogas em geral através da abstinência. Em geral, as CTRs adotam como principal projeto terapêutico o tratamento religioso que, em determinadas situações, pode substituir ou agregar outras modalidades de tratamento, como a medicamentosa, por exemplo. Ao mesmo tempo, as CTRs podem ser vistas como instrumentos capazes de expandir o raio de alcance de igrejas que se empenham em promover a evangelização em *bocas de fumo e crackolândias*.

Ressalta-se que, neste artigo, utilizamos a definição de drogas presente em Araújo (2012) e em Laranjeiras e Zanellato (2013), onde as drogas são observadas como toda e qualquer substância que promove alteração ao ser inserida no organismo. Contudo, enfatizamos questões referentes às drogas ilícitas, visto que o público usuário de tais substâncias constitui a ampla maioria dos indivíduos atendidos em CTRs. No que se refere ao conceito de dependência química, nos orientamos através da definição usada pela Organização Mundial de Saúde (1993): um padrão de uso de substâncias psicotrópicas que causa dano à saúde.

Os dados expostos a seguir são provenientes de observação de campo e de 10 entrevistas semiestruturadas realizadas com mulheres adictas, em tratamento entre os anos de 2016 e 2017, e outras 05 entrevistas semiestruturadas realizadas com integrantes da equipe de apoio da CTR observada. Tanto as entrevistas quanto a observação de campo foram realizadas em uma CTR vinculada à Missão Batista Cristolândia, localizada na cidade de Campos dos Goytacazes, estado do Rio de Janeiro³.

O *lócus* da pesquisa

De acordo com as informações disponíveis no *site* da Missão Batista Cristolândia⁴, esta instituição constitui um programa permanente de prevenção, recuperação e assistência a usuários problemáticos de drogas lícitas e/ou ilícitas. Ademais, deve-se destacar que todo trabalho realizado pela Cristolândia⁵ sustenta-se na aplicação dos princípios religiosos apregoados pela Igreja Batista.

³ A pesquisa aqui apresentada cumpriu os princípios éticos contidos na Declaração de Helsinki (1964, reformulada em 1975, 1983, 1989, 1996 e 2000) da *World Medical Association* (<http://www.wma.net/e/policy/b3.htm>), além de ter atendido as demais legislações específicas do Brasil.

⁴ Disponível em: <https://www.cristolandia.org/>. Acesso em 15 de junho de 2018).

⁵ Segundo informações apresentadas no site do projeto, o nome “Cristolândia” tem a intenção de estabelecer oposição com as “cracolândias”. Inclusive, é parte dos objetivos do projeto transformar todas as cracolândias em Cristolândias (Fonte: <https://www.cristolandia.org/>, consulta realizada em janeiro de 2018).

A Missão Batista Cristolândia surgiu vinculada à Convenção Batista Brasileira⁶ (CBB) em julho de 2009 através da realização de abordagem pessoal, oferta de alimentação e corte de cabelo para moradores de rua em geral que, na oportunidade, também recebiam encaminhamento para as comunidades terapêuticas. Em março do ano seguinte foi inaugurada a primeira unidade deste projeto. A partir de então, os serviços prestados se expandiram para atender aos usuários com café da manhã, banhos e cultos ministrados nas unidades da Cristolândia.

Atualmente, a Missão Batista Cristolândia está presente nos estados de São Paulo, Rio de Janeiro, Bahia, Minas Gerais, Espírito Santo, Pernambuco e no Distrito Federal. Ao todo o projeto possui 31 unidades designadas como Centros de Formação Cristã que podem atuar no atendimento exclusivo de mulheres ou de homens, bem como podem oferecer assistência para homens e mulheres no mesmo espaço.

É importante salientar que não são todas as unidades da Missão Batista Cristolândia que oferecem internação para dependentes químicos, visto que algumas delas atuam como locais de triagem e realização de cultos, além do oferecimento de refeições, banho e roupas limpas para a população de rua. No que corresponde, especificamente, ao tratamento de usuários problemáticos de drogas, o processo de internação possui cerca de 12 meses de duração, tendo início após a triagem e passa pelas etapas de desintoxicação, recuperação física e emocional e capacitação profissional, com vistas à reinserção social do interno⁷.

O Centro de Formação Cristã – que nos serviu de *locus* para a pesquisa de campo – está localizado na cidade de Campos dos Goytacazes, região norte

⁶ De acordo com o site da Convenção Batista Brasileira, este trata-se do “órgão máximo da denominação batista no Brasil. É a maior convenção batista da América Latina, representando cerca de 8753 igrejas, 4.944 Congregações e 1.706.003 fiéis. Como instituição, existe desde 1907, servindo às Igrejas Batistas brasileiras com sua estrutura de integração e seu espaço de identidade, comunhão e cooperação. É ela que define o padrão doutrinário e unifica o esforço cooperativo dos Batistas do Brasil” (consulta realizada no em janeiro de 2018).

⁷ Disponível em: <<https://www.cristolandia.org/>>. Acesso em 10 de jan. de 2018).

do estado do Rio de Janeiro. Nessa unidade, denominada Centro de Formação Cristã Élcia Barreto Soares (A partir deste ponto, usaremos a sigla CFCEBS quando nos referirmos ao *locus* da pesquisa), são atendidas, exclusivamente, mulheres que, em sua maioria, são oriundas de outras cidades do estado do Rio de Janeiro ou mesmo de estados vizinhos. Durante o período da pesquisa de campo, a unidade atendia cerca de trinta mulheres classificadas como usuárias problemáticas de drogas lícitas e/ou ilícitas, ao mesmo tempo em que também estavam presentes cinco mulheres que compunham a equipe permanente de apoio às internas. Outros profissionais, como médicos, dentistas, psicólogos, psiquiatras, nutricionistas e professores também fazem parte da equipe de apoio do CFCEBS, estando disponíveis alguns dias da semana para atender as internas.

Quanto à estrutura física do CFCEBS, podemos descrevê-la como um espaço bastante amplo com um prédio de dois andares, bem arejado, onde estão localizados a cozinha, a sala de estar, o banheiro e os quartos das internas. No mesmo terreno, também encontramos uma casa que fora adaptada para funcionar como administração, um quintal com muitas árvores e um galinheiro.

No que diz respeito à inserção de mulheres dependentes químicas no tratamento oferecido pelo CFCEBS, existem alguns procedimentos previamente definidos que são seguidos de forma rigorosa por todos os Centros de Formação Cristã que compõem o projeto Cristolândia. Inicialmente, a triagem ocorre no centro de atendimento estadual, onde os indivíduos são atendidos de acordo com suas características e necessidades. Sendo assim, moradores de rua recebem refeições, roupas limpas e acesso ao banheiro para que tomem banho, enquanto os usuários de drogas são atendidos e encaminhados de acordo com o que procuram, visto que o projeto oferece a opção de redução de danos. Os dependentes químicos que desejam essa modalidade de atendimento são orientados nas unidades que possuem equipe de apoio qualificada para isso. Já os dependentes químicos que buscam o afastamento completo do uso de

entorpecentes são encaminhados para as unidades que oferecem o tratamento com 12 meses de internação.

Após a triagem, os dependentes químicos que desejam aderir ao tratamento com 12 meses de internação são levados para um dos Centros de Formação Cristã que compõem o projeto. A escolha da unidade que receberá o indivíduo que busca tratamento se dá de acordo com alguns critérios, tais como a disponibilidade de vagas e o sexo do futuro interno. Frequentemente, a unidade escolhida é localizada, estrategicamente, em cidade diferente da que o futuro interno reside. Isso ocorre porque, de acordo com as informações colhidas entre os membros da equipe de apoio do CFCEBS, a intenção é dificultar que os internos abandonem o tratamento. Ou seja, parte-se do princípio de que a proximidade geográfica com familiares e amigos pode servir de estímulo para que o interno busque apoio fora do Centro de Formação Cristã nos momentos mais difíceis do tratamento. Ainda no que diz respeito aos casos em que o tratamento é realizado em uma cidade afastada do local de origem do interno, pede-se ao próprio interno ou à família dele, que faça uma doação de valor suficiente para comprar uma passagem de ônibus para que o interno possa voltar para casa ao fim da internação, ou antes, se o interno assim desejar.

No que diz respeito às normas a serem seguidas pelas internas do CFCEBS, são destacadas as proibições de qualquer tipo de envolvimento amoroso entre as internas, de fazer refeições fora dos horários determinados e de usar qualquer meio de comunicação sem a permissão de um dos membros da equipe de apoio. Algumas situações, como a prática de roubo ou agressão física podem levar à expulsão imediata das internas. Da mesma forma, se alguma das internas se recusar a participar das atividades religiosas organizadas na casa, as líderes podem adotar alguma medida disciplinar como, por exemplo, a exclusão da interna das atividades de lazer eventualmente realizadas.

Importante ressaltar que, segundo as líderes do CFCEBS, o objetivo máximo da comunidade terapêutica é fazer jus à nomenclatura “Centro de Formação Cristã”. De acordo com Ruth

Aqui a proposta é transformar a vida dessas mulheres através da formação cristã dentro da Igreja Batista. Muitas delas perderam seus maridos e seus filhos por causa das drogas, e o que a gente espera é que elas possam voltar para a vida lá fora com capacidade de serem boas esposas e boas mães, cumprindo a palavra de Deus (Ruth, 41 anos, integrante da equipe de apoio do CFCEBS).

Como a instituição é apresentada como objetivo de “formar mulheres cristãs”, todas as mulheres que aderem ao tratamento oferecido pelos Centros de Formação Cristã são chamadas de “alunas” pelos membros da equipe de apoio e demais integrantes da comunidade terapêutica. No entanto, para as finalidades desta pesquisa, usaremos o termo “internas” para nos referirmos às mulheres adictas que se encontram em tratamento no CFCEBS.

Veremos nas páginas seguintes como as trajetórias morais destas internas são (re)construídas dentro da instituição no sentido de torná-las “mulheres cristãs” afastadas do vício em drogas. Adotaremos como norteador de nossa análise o conceito de instituição total que, tal como nos diz Goffman,

Pode ser definida como um local de residência e trabalho onde um grande número de indivíduos com situação semelhante, separados da sociedade mais ampla por considerável período de tempo, levam uma vida fechada e formalmente administrada (GOFFMAN, 1974, p. 11)

Tais instituições, segundo Goffman, operam dentro de uma lógica totalitária e envolvem a globalidade da vida daqueles que lá passam a viver como reclusos. Há, nesses locais, um rígido controle do tempo e dos aspectos mais íntimos da existência, ao mesmo tempo em que os indivíduos são obrigados a realizar coletivamente uma série de atividades determinadas pelas equipes dirigentes. Além disso, estas instituições funcionam como microcosmos

sociais separados do resto da sociedade, visto que lá encontramos uma lógica totalitária atravessa todos os aspectos da vida cotidiana e se impõe como uma barreira às trocas sociais com o exterior.

A transformação de *adicta* em “mulher cristã”

Uma vez que o CFCEBS se trata de uma instituição que declara ter o objetivo de formar mulheres cristãs, acreditamos que a análise das estratégias utilizadas no âmbito desta CTR é fundamental para entendermos como mulheres *adictas* “remodelam” suas personalidades ao adotarem os preceitos apregoados pela Igreja Batista.

Antes de tudo, é necessário apresentarmos a definição de mulher cristã compartilhada entre os seguidores da Igreja Batista. Oliveira (2012a), realiza um interessante levantamento das edições da revista *Visões Missionárias*⁸ publicada pela União Feminina Missionária Batista do Brasil (UFMBB) e destaca aquelas que seriam as características mais valorizadas para a mulher cristã. De acordo com a autora

As duas funções essenciais das mulheres no protestantismo são a educação e a obra social. Na UFMBB, o cuidado social e a educação são da alçada mulher batista. Ela aparece como a responsável pelo bem-estar e ascensão cultural e social da família. Como educadora no lar, é a transmissora da fé cristã. Muito mais do que no ambiente da igreja, o lar é onde se aprende os valores morais e religiosos, ensinados pela mãe. O papel da mulher como a guardiã da casa estende-se, por conseguinte, à coletividade e à nação. De um modo geral, a revista repete um discurso sobre a repartição de papéis, segundo o qual as mulheres estão mais ligadas ao espaço privado, enquanto os homens estão mais ligados ao espaço público. Embora eles sejam caracterizados como mais racionais e, portanto, líderes, elas são apresentadas como formadoras e guardiãs da moral e da fé. Elas são responsáveis por manter a harmonia, a paz e a fé da família. Na revista, ao discurso típico da divisão de papéis, soma-se o discurso batista de que a

⁸ A revista *Visão Missionária* trata-se de uma publicação que busca ensinar a mulher seguidora da Igreja Batista como exercer suas diferentes funções cotidianas como cristã.

mulher deve se preocupar com sua ação pela formação e evangelização. Desse modo, a identidade da mulher cristã construída na revista é de uma mulher que é uma formadora não só dos filhos, mas da sociedade em geral. Além disso, ela é representada como a responsável pela “conversão” dos outros, isto é, o marido descrente, os filhos e a sociedade (OLIVEIRA, 2012a, p. 11).

Nota-se que o perfil de mulher cristã em questão é atravessado por algumas exigências bastante contundentes, como o exercício dos cuidados para com a família e a prática sistemática da evangelização. No entanto, a mulher adicta que ingressa no CFCEBS é vista como despreparada para ocupar essas funções. Por isso, espera-se que ela dê o primeiro passo no sentido de sua transformação em mulher cristã, ou seja, que ela se converta à Igreja Batista.

Embora o CFCEBS seja explicitamente uma comunidade terapêutica com perfil religioso, a maioria das entrevistadas em tratamento relatou que não estava ciente disso antes da internação. Inclusive, foi recorrente verificar nas falas das entrevistadas, a menção ao fato de que, se soubessem antecipadamente que o CFCEBS se tratava de um “projeto religioso”, elas não teriam aceitado iniciar o tratamento. Ao mesmo tempo, também nos deparamos com relatos onde as internas registraram o “choque térmico” que viveram ao chegar na instituição. Notadamente, elas destacam o desconforto inicial com a imposição de um novo vestuário, de um novo vocabulário⁹ e de horários inflexíveis para estudar a bíblia, orar e participar das atividades religiosas coletivas.

No entanto, mesmo diante desses relatos, todas as internas entrevistadas declararam ter se convertido à Igreja Batista após chegarem ao CFCEBS. Abaixo, segue um fragmento da entrevista de Marta, 19 anos, que ilustra a surpresa com a proposta religiosa do CFCEBS e a subsequente conversão à igreja Batista após o início do tratamento.

⁹ Vestuário e vocabulário comprometidos com a perspectiva internamente compartilhada sobre quais seriam as características valorizadas em uma “mulher cristã”.

Marta: Eu não sabia que quando eu chegasse aqui eu teria que assistir culto de manhã, de tarde e de noite. Eu nem sabia pegar numa Bíblia [...]. Eu só fiquei sabendo disso quando eu cheguei aqui. Mas, assim, agora eu já me acostumei e eu gosto muito daqui.

Entrevistadora: E você seguia alguma religião antes?

Marta: Eu era católica que não bota o pé na missa. Agora eu sou batista porque eu me converti aqui dentro e pretendo seguir frequentando a igreja quando eu sair daqui.

Segundo Goffman (1974, p. 23), quando um novato adentra uma instituição total traz consigo uma cultura e uma forma de gerir a vida que, até então, eram aceitas sem objeções. No entanto, o ingresso na instituição implica uma série de mudanças radicais para o interno. Embora as instituições totais não pareçam promover uma substituição cultural completa, elas criam e mantêm um tipo específico de tensão entre o mundo até então conhecido pelo indivíduo e o “mundo” construído dentro da instituição.

É característico dos internados que cheguem à instituição com uma "cultura aparente" (para modificar uma frase psiquiátrica) derivada de um "mundo da família" - uma forma de vida e um conjunto de atividades aceitas sem discussão até o momento de admissão na instituição. [...] Qualquer que seja a estabilidade da organização pessoal do novato, era parte de um esquema mais amplo encaixado em seu ambiente civil - um conjunto de experiência que confirmava uma concepção tolerável do eu e permitia um conjunto de formas de defesa, exercidas de acordo com sua vontade, para enfrentar conflitos, dúvidas e fracassos. (GOFFMAN, 1974, p. 23)

Aderir ao tratamento contra a dependência química no CFCEBS implica necessariamente na adoção de uma série de obrigações por parte das internas. Conforme explicita-se a seguir, tais obrigações se estendem sobre os aspectos mais variados da vida levada dentro da instituição. Por meio das entrevistas e observação de campo, nota-se que a primeira questão que se coloca às mulheres que chegam na comunidade terapêutica, é a necessidade de se converterem à Igreja Batista. Embora o processo de conversão não seja explicitamente apresentado como algo obrigatório, ele aparece como condição *sine qua non* para

a realização e sucesso do tratamento proposto pelo CFCEBS. Percebe-se isso, especialmente, nos relatos das integrantes da equipe de apoio. A entrevistada Madalena, 57 anos, que atua como uma das coordenadoras do CFCEBS, relatou que:

Entrevistadora: A conversão à Igreja Batista é uma condição para que uma mulher possa ser aceita na casa?

Madalena: Não é uma condição, não. Nós nunca obrigamos ninguém a se converter, isso parte de cada uma delas.

Entrevistadora: Então, se uma interna não quiser se converter e participar das atividades religiosas, ela vai ser tratada da mesma forma que as outras internas que se convertem e frequentam os cultos?

Madalena: Nós não fazemos acepção de pessoas. Mas a falta de vontade de usar drogas é algo que vem de Deus. Então, se ela não quiser compartilhar de nada com as outras meninas, o tratamento dela não será o mesmo e ela não vai atingir o objetivo final.

Entrevistadora: Mas ela pode continuar aqui?

Madalena: Poder, pode. Mas, não vai dar certo, não vai funcionar.

Uma vez convertidas à Igreja Batista, as internas elaboram narrativas para explicar como ocorreu o processo de conversão. Nesse ponto é importante destacar que os relatos das internas convergem no que diz respeito ao entendimento de que a conversão ocorreu por meio de um chamamento divino, e não em função de quaisquer coerções que poderiam ser exercidas pelas integrantes da equipe de apoio. Ao mesmo tempo, a conversão ilustra aquele que seria o marco cronológico para o início do tratamento com a dependência química.

Quando me converti foi uma coisa natural dentro do meu coração. Eu coloquei os pés aqui e senti no meu coração que eu precisava aceitar Jesus e ninguém precisou ficar no pé do meu ouvido dizendo que eu tinha que aceitar Jesus, porque eu entendi sozinha o chamado de Deus para mim. Foi Deus que me chamou para fazer a obra dele e foi ele que me curou do meu vício (Josefa, 35 anos).

Eu entreguei minha vida para Cristo a partir do momento em que seu senti que nada ia me tirar da vida que eu levava. Só o amor de Deus podia me ajudar e eu me converti na primeira semana que eu cheguei aqui. E se eu estou sem usar crack há quatro meses é graças ao amor de Deus por mim porque ele tem um propósito na minha vida (Eva, 23 anos).

Enquanto um evento que determina um marco cronológico, a conversão à Igreja Batista também pode ser vista como o ponto inicial para a transformação destas mulheres de adictas em cristãs. Aqui, torna-se indispensável acrescentar à discussão em tela, alguns elementos acerca das características atribuídas à mulher cristã no âmbito das crenças Batistas. Assim, será possível melhor apreender as motivações pelas quais as internas entrevistadas adotam determinadas posturas ao longo da estadia no CFCEBS.

De acordo com Daéb's (2007) a formação da mulher batista está fundamentada em dois pilares fundamentais: um espiritual e outro moral e social. Isto é, o primeiro pilar consiste em cumprir a ordenança bíblica da pregação do Evangelho, enquanto o segundo sublinha a importância de que as mulheres jamais esqueçam, mesmo quando cumprem outras funções, os seus papéis de mãe, esposa e filha. Especificamente no que diz respeito ao segundo pilar, o Manual (1981) da UFMBB é bastante elucidativo. De acordo com esse texto, é imprescindível que as mulheres batistas não percam de vista aqueles que são considerados os "problemas específicos do elemento feminino", ou seja, para que uma mulher possa ser considerada uma boa cristã batista é indispensável que ela não deixe de cumprir suas tarefas de esposa, mãe e filha. Assim, tal como nos aponta Daéb's (2007), é possível dizer que a concepção de "problemas específicos do elemento feminino" está diretamente ligada à ideia de que existe uma condição natural às mulheres. Nesta perspectiva, aquelas que se afastam desta condição passam a ter sua dignidade seriamente comprometida.

Ainda, o registro de Magalhães Filho (2007) sobre o lugar ocupado pelas mulheres no rol evangélico fortalece as informações apresentadas por Daéb's.

A igreja evangélica brasileira reproduz o modelo da mulher que é mãe, que assume as funções do lar, inclusive a responsabilidade de ensinar aos filhos sobre a religião. Estas funções todas submissas ao marido. Mesmo diante da saída da mulher para trabalhar fora de casa, e o crescimento de mulheres líderes de igrejas, muito frequente no pentecostalismo, o modelo de mulher submissa ainda está presente na vida dos evangélicos brasileiros (MAGALHÃES FILHO, 2007, p. 12).

No que diz respeito ao fortalecimento do pilar espiritual, alguns procedimentos são adotados desde o início do tratamento. Já na primeira semana, todas as internas são apresentadas com uma bíblia e iniciam sessões de estudos bíblicos sob a orientação das coordenadoras da instituição. Estas sessões de estudos bíblicos ocorrem uma vez ao dia e podem durar alguns minutos ou mais de uma hora, e isso depende da disponibilidade de tempo que as coordenadoras possuem para aplicar essa atividade. De forma recorrente, nos relatos das internas, houve a menção ao fato de que, a princípio, não sabiam manusear a bíblia, mas, depois de serem devidamente instruídas, passaram a realizar a leitura do livro sem maiores problemas. Concomitantemente, as internas entrevistadas relatam que desde o início do tratamento foram aconselhadas pelas coordenadoras a frequentar diariamente os cultos e sessões coletivas de estudos bíblicos, realizados na instituição. Inclusive, uma delas nos disse que a ausência nestas práticas religiosas, quando não justificadas, é passível de punições, tais como, por exemplo, impedir que a interna participe dos passeios e atividades recreativas realizadas pela coordenação da instituição, em conjunto com a equipe de apoio.

Os cultos, com duração de aproximadamente uma hora, são realizados uma vez ao dia, geralmente após o almoço¹⁰. Na maioria das vezes, são as coordenadoras do CFCEBS que ministram os cultos, mas eventualmente

¹⁰ Aos domingos pela manhã as internas também frequentam culto em Igrejas Batistas da cidade de Campos dos Goytacazes. No entanto, as internas que descumprem as normas da instituição podem ser proibidas temporariamente de ir a estes cultos. Importante ressaltar que ir aos cultos fora do CFCEBS é uma das poucas ocasiões em que as internas saem da instituição. Justamente por isso, é comum que elas esperem com bastante ansiedade para ir aos cultos nos domingos.

pastores das Igrejas Batistas de Campos dos Goytacazes são convidados para realizar as pregações. Nessas ocasiões, o conteúdo apresentado às internas pelas coordenadoras ou pelos pastores gira em torno da exposição de trechos bíblicos, que servem como fundamento para o discurso acerca da mudança de vida e construção de uma nova identidade pautada nos preceitos cristãos. Seguindo essa perspectiva, os cultos acabam por servir a uma função pedagógica na qual as internas são frequentemente orientadas e lembradas sobre a nova postura que precisam adotar, tanto durante o tratamento no CFCEBS, quanto após retornarem à vida fora da instituição. Aqui, é interessante ressaltar que essa nova postura está vinculada ao que é compreendido como sendo a moralidade adequada para uma mulher cristã.

Falar que é cristã é muito mais fácil do que ser cristã de verdade, porque só quando vocês forem testadas lá fora é que vão saber se a mudança aconteceu dentro do coração de vocês. Uma mulher cristã valoriza a vida e não se deixa levar por um momento de fraqueza. Nem eu nem ninguém pode ser mentiroso e falar que nunca mais vocês vão ter vontade de fumar um cigarro, de usar uma droga. Mas, eu posso dizer com toda certeza de que um cristão de verdade tem capacidade de fugir desses desejos do mundo e permanecer firme no seu propósito (Trecho de uma pregação realizada por Morgana, coordenadora no CFCEBS).

O ideal de mulher cristã é apregoadado em praticamente todos os cultos realizados na comunidade terapêutica. Para ilustrar os quesitos que envolvem o cumprimento do roteiro da “boa mulher cristã” as responsáveis pelos cultos usam sempre o tripé “boa mãe + boa esposa + boa fiel” para fortalecer e reafirmar constantemente a nova trajetória a ser seguida pelas internas após a conclusão do período de tratamento. Ou seja, no âmbito da instituição analisada, a leitura que se faz a respeito do exercício do papel de boa mulher cristã exige, necessariamente, que as internas adotem como objetivo máximo a busca pelo cumprimento das orientações que envolvem a maternidade, o casamento e a igreja. E, neste contexto, cumprir tais orientações institucionais é

visto como a estratégia mais consistente para que estas mulheres alcancem o pleno afastamento do uso de drogas.

Eu sei que todas vocês esperam pelo dia de saírem daqui e poderem voltar para as suas famílias. As que tem filho, querem voltar para seus filhos para cuidar deles como toda mãe deve fazer. As que tem companheiro, também. Mas vocês precisam entender, antes de qualquer coisa, que para ser boa mãe e boa esposa é necessário estar vivendo a palavra de Deus todos os dias, porque só uma mulher cristã de verdade é capaz de orientar seus filhos no bom caminho e preservar seu casamento. Eu digo isso para que vocês não esqueçam que, quando vocês voltarem para suas casas, vocês terão muito mais responsabilidades do que aqui. Aqui vocês são nossas alunas em formação. Lá fora vocês serão mães, esposas (...) Se vocês se apegarem nisso (em serem boas mães, boas esposas e boas fiéis) vai ser mais fácil se controlar em um momento de fraqueza, porque a tentação está lá fora só esperando vocês voltarem (Trecho de uma pregação realizada por Morgana, coordenadora no CFCEBS).

Todas as internas são igualmente instruídas a realizarem orações em diversos momentos do dia. Enquanto algumas dessas orações são feitas coletivamente (como, por exemplo, antes das refeições), outras são realizadas individualmente pelas internas. Constitui prática comum na instituição o ato de ensinar as internas como orar “corretamente”, visto que o público atendido pelo CFCEBS não possui intimidade com a doutrina e práticas da religião professada pela instituição. Por exemplo, ao longo da observação em campo, foi comum presenciar situações onde as integrantes da equipe de apoio intervieram nas orações coletivas para corrigir as internas que não estavam agindo adequadamente¹¹. Da mesma forma, nota-se que existe uma premente preocupação da equipe de apoio em ressaltar a importância de que as internas façam suas orações individuais de forma apropriada e condizente com a doutrina batista.

¹¹ Alguns dos comportamentos corrigidos pelas integrantes da equipe de apoio durante a prática das orações pelas internas são: abrir os olhos antes de finalizar a oração, fazer piadas ou brincadeiras, usar linguagem chula etc.

A gente sempre lembra elas que o momento da oração é para pedir e agradecer o dom da vida. É a hora que elas têm para meditar sobre o que está acontecendo na vida delas e como Deus é bom em todos os sentidos. Muitas delas nunca colocou os joelhos no chão para fazer uma oração de verdade, então é nossa obrigação ensinar cada uma delas como é a forma correta de conversar com Deus no seu íntimo (Ruth, 41 anos, integrante da equipe de apoio do CFCEBS).

Assim, percebe-se que o pilar espiritual sobre o qual se constrói a formação da mulher batista é constituído fundamentalmente sobre as práticas do estudo bíblico e oração, além da frequência aos cultos. Ou seja, para transformar-se em uma legítima mulher cristã é necessário que se observe diariamente o roteiro básico que valida o bom caráter cristão.

Sendo a aspiração das mulheres cristãs viver com a finalidade de agradar a Deus, tem-se a consciência de que a busca por Sua vontade se dá através de uma vida de oração e estudo da Bíblia, entendendo ser ela o Livro de Regra de Vida e Fé. A partir desta premissa, entende-se que a vontade de Deus nem sempre está explícita em relação a alguns assuntos que modelam as escolhas e tomadas de decisões. No entanto, ela é explícita no que tange à salvação por meio da fé em Cristo, a santificação e consequentemente o procedimento devido que molda o caráter cristão diário (HIGINO, 2015, p. 114).

É importante salientar que é comum, no âmbito de uma instituição total, que os indivíduos internados cumpram com várias obrigações. Entre elas, está a participação nas atividades (coletivas ou individuais) do estabelecimento, o que exige certa submissão à atividade em questão. A participação obrigatória na atividade proposta pela instituição é vista pelos demais como um símbolo do compromisso e da adesão do indivíduo, além de envolver também a aceitação por parte do indivíduo das consequências da participação para a redefinição de sua natureza. Por isso, quando surgem problemas de adesão visíveis nas atividades programadas pela instituição, eles são vistos como indicadores do modo como os indivíduos se adaptam ou não ao novo papel e definição que a instituição lhes impõe.

Dito isso, compreende-se que a recusa de algumas internas¹² em participar dos cultos, orações e demais atividades impostas pelo CFCEBS está relacionada à baixa adesão delas à proposta de tratamento contra a dependência química oferecida pela instituição. Entre as internas que se encontram na instituição há vários meses, não presenciamos casos em que elas tenham se recusado a participar das atividades. Isso pode nos servir como um indicativo de que, vencidas as primeiras dificuldades de inserção na comunidade, as internas aderem à rotina institucional e passam a fazer parte de todas as atividades coletivas e individuais. Inclusive, as internas “mais antigas”, aquelas que se mostram plenamente incluídas na instituição, são usadas pelas integrantes da equipe de apoio como modelos a serem seguidos pelas novatas.

Há, contudo, situações onde mesmo após passados alguns meses a interna mostra-se resistente e não adere completamente às práticas institucionais, e isso provoca uma ruptura incontornável entre a interna e a comunidade terapêutica. As resistências, quando são pontuais, podem ser administradas e absorvidas no âmbito da rotina institucional. Todavia, quando se depara com uma interna que recusa, frequentemente, se submeter às determinações da equipe de apoio, a única alternativa possível é o seu desligamento temporário ou permanente da instituição.

No que tange ao pilar moral e social que sustenta a identidade da mulher batista, um aspecto basilar trata da adoção do conceito de beleza condizente com a doutrina da igreja. Neste contexto, tal conceito de beleza pode ser visto como parte de um discurso onde se valoriza tanto os atributos físicos quanto os espirituais. Seguindo esta linha de análise, Oliveira (2012b), ainda em sua pesquisa sobre as edições da revista *Visão Missionária*, destaca que o conceito de beleza feminina empregado trata tanto da beleza “externa” e física quanto da beleza “interior”, a qual contempla os aspectos moral e espiritual. No entanto, a

¹² Ao longo da observação de campo presenciamos apenas duas situações onde internas recém chegadas ao CFCEBS se recusaram a participar dos cultos realizados após o almoço. Nas duas ocasiões, as internas permaneceram em seus quartos até a finalização da atividade religiosa.

autora aponta que a revista admoesta suas leitoras para que não se entreguem a uma vaidade excessiva, tendo em vista que tal comportamento é considerado inadequado às mulheres cristãs. Desta forma, ainda seguindo as indicações da autora

Em *Visão Missionária*, a beleza feminina tem sido avaliada como algo que inspira cuidados, tanto no sentido de que se deve cuidar da beleza (com cosméticos – de preferência feitos em casa) quanto no sentido de que se deve tomar cuidado com a beleza (a vaidade excessiva é um problema e um risco). Segundo a revista, a chamada “mulher cristã” deve sim cuidar do corpo, mas não ser vaidosa excessivamente. Diferentemente, por exemplo, de uma posição da Idade Média em que a beleza feminina era vista como uma forma de afastar o homem de Deus, em *Visão Missionária*, a beleza feminina é algo a ser buscado e conservado. A mulher é advertida a ter “uma presença atraente e agradável”, pois é tomada como uma representante de Deus. Contudo, o excesso da vaidade é algo que deve ser evitado, pois pode fazer com que a mulher perca de vista que a sua função principal é a sua ação no mundo, por meio da evangelização. Ela deve se preocupar com seu testemunho e conduta no mundo, dedicando a atenção a outros interesses, como leitura da Bíblia, assiduidade à igreja, amor ao próximo, louvor a Deus e evangelização. Nessa revista, a beleza está, pois, principalmente relacionada a certa conduta moral e espiritual da mulher (OLIVEIRA, 2012b, p. 120-121).

Com base nos dados analisados, podemos dizer que várias das orientações recebidas pelas internas novatas estão em consonância com o conceito de beleza visto como ideal à mulher cristã. Desse modo, por exemplo, as internas são instruídas a terem cuidado especial ao escolherem as roupas e acessórios¹³ que usarão no dia a dia, da mesma forma em que são frequentemente alertadas quanto ao vocabulário proibido¹⁴ dentro do CFCEBS e

¹³ Roupas consideradas decotadas e curtas, assim como acessórios classificados como extravagantes, são terminantemente proibidos dentro do CFCEBS. Nas situações em que a interna novata não possui roupas e/ou acessórios adequados para serem usados dentro da comunidade terapêutica, lhe é permitido usar os itens de um closet coletivo mantido com doações de membros da Igreja Batista e demais colaboradores da instituição.

¹⁴ O uso de palavras consideradas como de baixo calão é vetado dentro do CFCEBS, e o ato de pronunciar tais palavras pelas internas pode gerar sanções.

à importância de que realizem estudo bíblico diariamente. Neste sentido, a beleza, segundo a retórica compartilhada dentro da instituição, é observada como uma característica global composta por vários elementos, desde as roupas até o vocabulário usado.

Se você olha como elas chegam aqui e depois quando elas já estão aqui há alguns meses, dá para ver como elas mudam. Até a postura e o tom de voz delas se tornam outros com o tempo. Você viu a (nome de uma das internas) quando ela chegou aqui, não foi? Viu agora? Está outra mulher, ganhou peso, arrumou os dentes, está mais bonita! Agora ela sabe falar com as pessoas, não agride as colegas com palavreado chulo nem com o jeito arrogante que ela tinha quando chegou aqui. A gente olha para ela e vê a beleza de Deus (Morgana, coordenadora do CFCEBS).

Conquanto as internas relatem terem se sentido surpresas com a necessidade de adotar um vestuário e vocabulário novos para que fossem plenamente aceitas na instituição, elas igualmente apontam que, passada a fase de adaptação, sentem-se mais bonitas e próximas do ideal de mulher cristã apregoado pelo CFCEBS.

Eu acho que a forma de me vestir de hoje em dia é muito melhor que a forma que eu me vestia antes, porque aqui a gente aprende que uma mulher de Deus não precisa mostrar o corpo para se achar bonita. Hoje eu coloco uma roupa comprida e me sinto bem, e olha que antes eu não conseguia usar uma roupa assim que eu já ficava cheia de calor e botava um shortinho [...]. Todas as roupas que a gente tem aqui são lindas, eu nunca tive roupa assim na vida, só aqui eu tive (Tâmara, 18 anos).

Palavrão não pode, né? Nem tem como. Se alguém falar um palavrão aqui dentro todo mundo olha com cara feia. Lá fora a gente nem pensa antes de falar, mas aqui a gente aprende a não dizer essas coisas feias. No começo é difícil porque a gente vem com vício da rua de falar palavrão toda hora e aí normal a gente escorregar as vezes. Mas aí os dias vão passando e a gente se acostuma, né? Mulher de Deus pode falar essas coisas, não (Thalita, 21 anos).

O ideal de beleza é, com frequência, recuperado nas preleções realizadas nos cultos. Mas, para além disso, temos também a influência exercida pelas internas mais antigas sobre as novatas, já que a performance das primeiras é vista como uma espécie de modelo a ser seguido pelas segundas. Em vários momentos, ao longo das entrevistas e observação de campo, registramos a admiração que as recém-chegadas tinham para com aquelas que estavam mais próximas da finalização do tratamento. O vocabulário, a “mansidão” ao falar, a forma contida de se expressar, o vestuário “comportado” são alguns dos elementos sublinhados pelas novatas quando falam sobre a vontade de serem parecidas com as internas mais antigas. A performance destas últimas representa para as que chegam ao CFCEBS um testemunho muito consistente do trabalho bem sucedido realizado pela instituição.

Há, notadamente, uma preocupação da instituição com as internas que não performam a feminilidade vista como desejável. Por isso, nos casos em que as internas não se mostram “femininas” o suficiente, é comum que as integrantes da equipe de apoio as orientem no sentido de usarem acessórios e roupas identificados como mais adequados. Vestidos, saias, brincos e maquiagem leve são alguns exemplos dos recursos usados para tornar uma interna mais feminina.

Um ponto bastante sensível dentro da instituição são os relacionamentos homoafetivos que surgem entre as internas. Algumas internas entrevistadas relataram em suas entrevistas que, antes de adentrar o CFCEBS, já haviam se relacionado com pessoas do mesmo sexo, tendo inclusive casos em que elas deixaram de se identificar como homossexuais em função do início do tratamento na comunidade terapêutica. Provavelmente por isso, essas mulheres encontram dificuldades em gerir uma nova economia dos afetos¹⁵ dentro dos

¹⁵ Aqui, aplicou-se o conceito de economia dos afetos, conforme Spinoza (2009) para tratar das normas compartilhadas que orientam as restrições e permissões empregadas para as expressões amorosas.

muros do CFCEBS, onde não podem estabelecer relacionamentos homoafetivos com suas colegas de tratamento.

Para além das restrições impostas pela Igreja Batista à homossexualidade, faz-se necessário considerar como tais interdições estão diretamente relacionadas com a construção do ideal de mulher cristã buscado pelo CFCEBS. Aqui, a verdadeira mulher cristã é aquela que se dedica ao marido (casamento), à família e à igreja. Nesse cenário, não há de forma alguma espaço para a construção de qualquer modalidade diferente de núcleo familiar que não esteja comprometido com o modelo heteronormativo defendido, inclusive, pelos setores mais conservadores da sociedade como o único possível. Por isso, a nova economia dos afetos à qual as internas estão submetidas implica no completo afastamento de qualquer tipo de relacionamento que possa ser interpretado pela equipe dirigente como inadequado.

Com a intenção de evitar toda forma de aproximação considerada inadequada entre as internas, o CFCEBS possui algumas regras que, quando não são cumpridas, levam à aplicação de sanções. Trocas de olhares, carícias ou outras expressões de afeto vistas como “perigosas” são terminantemente proibidas. Nos casos em que as internas descumprem essa determinação, elas recebem punições que vão desde a exclusão de alguma atividade de lazer até a expulsão permanente da instituição. Nas entrevistas concedidas pelas integrantes da equipe de apoio, elas mencionaram que alguns casais homoafetivos – formados dentro da comunidade terapêutica e que recusaram se separar – haviam sido expulsos da instituição como forma de exemplo para as demais internas. Em outros casos, de internas que tentaram se relacionar amorosamente, mas que aceitaram o afastamento imposto pela instituição, houve a permanência delas no tratamento.

Sim, já tivemos situações aqui em que elas confundiram as coisas. A gente tenta instruir e mostrar que isso aqui dentro não pode acontecer. E quando elas não aceitam nossas instruções, o único jeito é a expulsão. Mas também tem as meninas que

aceitam o que a gente fala, como a Carla e a Vitória¹⁶, que no começo estavam muito próximas e agora não dão mais dor de cabeça pra gente (Ruth, 41 anos, integrante da equipe de apoio do CFCEBS).

No bojo do conceito global de beleza sustentado pela instituição, cabe a preocupação premente compartilhada pela equipe técnica do CFCEBS, no que diz respeito aos cuidados com a saúde das internas. Ao ingressarem no tratamento, as internas são levadas ao dentista e aos médicos clínico geral e ginecologista para realizar diversos exames¹⁷. E, se por acaso são diagnosticadas com algum problema de saúde, elas são levadas aos médicos especialistas capazes de tratar o problema. A visita ao psiquiatra e ao psicólogo igualmente fazem parte dos primeiros cuidados recebidos pelas internas e, após a avaliação desses especialistas, algumas delas passam a receber acompanhamento periodicamente. Sobretudo no que tange ao acompanhamento psiquiátrico, é comum que as internas que recebem atenção especial sejam medicadas com remédios para dormir e outros paliativos para diminuir os efeitos da abstinência de drogas.

Nesse panorama, nota-se que as coordenadoras da instituição buscam fazer com que as internas valorizem os cuidados com a saúde, sobretudo no que diz respeito aos cuidados específicos da saúde da mulher. Dessa forma, as internas são instruídas para que façam consultas periódicas com o ginecologista e mantenham seus exames de rotina em dia, mesmo após a finalização do tratamento. Aqui, cuidar da saúde constitui uma atitude na qual se reafirma o compromisso de cumprir os preceitos religiosos.

O nosso corpo é o templo do espírito santo e precisa ser bem cuidado. Muitas delas (as internas) passam anos sem fazer um preventivo, por exemplo. Aí, eu te pergunto. Que tipo de formação cristã nós estaríamos dando para essas meninas se

¹⁶ Nomes fictícios.

¹⁷ Todos os profissionais da área de saúde que atendem as internas prestam serviços voluntariamente.

não ensinássemos elas a cuidarem de si mesmas? (Morgana, coordenadora do CFCEBS).

É possível, então, apreender que o pilar moral e social da formação da mulher batista ou, como observamos, da transformação da mulher adicta em mulher cristã, envolve uma série de mudanças relativas aos cuidados com o corpo e com a aparência que, ao fim e ao cabo, corroboram um esforço específico ao meio evangélico para a moralização do corpo. Ou, como nos indicam Rigoni e Prodócimo,

O corpo expressa não somente a “mudança individual” provocada pela fé, como mostra que outras pessoas não são convertidas, e isto só é possível porque os evangélicos possuem características referentes ao corpo (a aparência) diferenciadas dos fiéis de outras religiões. Gestos e comportamentos religiosos evidenciam a tentativa de moralização do corpo. Cria-se uma gestualidade tipicamente religiosa (RIGONI; PRODÓCIMO, 2013, p. 230).

Por fim, é sobremaneira importante mencionar que ao longo do processo de transformação de adicta em mulher cristã, a maioria dessas mulheres precisa lidar com o afastamento, muitas vezes voluntário, de seus filhos, cônjuges e demais familiares. Embora as primeiras semanas do tratamento no CFCEBS implique a proibição de visitação às internas¹⁸, após a liberação das visitas é muito comum que as mulheres em tratamento continuem sem ter contato com seus familiares. Esse dado nos faz pensar o quanto as mulheres em tratamento contra a dependência química possuem aspectos comuns com as mulheres encarceradas em presídios por todo o país. Nota-se que estes dois grupos de mulheres atravessam seu período de afastamento do convívio em sociedade construindo novas redes afetivas entre seus pares a fim de substituir – ainda que temporariamente – os vínculos familiares que, por hora, não atendem suas expectativas. Ao falar sobre mulheres encarceradas, Ferrari (2010) nos diz que

¹⁸ De acordo com a coordenadora Madalena, a proibição de visitas nas primeiras semanas tem como finalidade, fazer com que as internas se concentrem apenas no tratamento e não se sintam instigadas a se evadirem da comunidade terapêutica.

Faz parte do perfil dessas mulheres serem jovens, com pouca educação formal, mães solteiras, afrodescendentes, e morar com os filhos antes de serem presas. São mulheres com o ônus da criação dos filhos. Após o encarceramento a maioria dos filhos passa a viver sob a tutela dos avós maternos, e a maioria dos companheiros não as visita, forma outra pareceria, ao contrário do que ocorre na prisão masculina. Um número significativo não recebe visita alguma, encontra-se em total desamparo e busca amparo nas drogas que entram no presídio ou em remédios controlados. A maioria dos presídios não lhes garante o direito à visita íntima, procedimento assegurado aos homens há mais de vinte anos (FERRARI, 2010, p. 1329).

Ainda com o foco na questão da visitação pelos familiares, os dados da pesquisa revelam que, assim como as mulheres encarceradas, a maioria das mulheres casadas ou em união estável em tratamento no CFCEBS não recebem visitas de seus parceiros(as) (SOARES; ILGENFRITZ, 2013). Alguns casos registrados ao longo da pesquisa de campo se tornaram emblemáticos, como o de Talita, 30 anos.

Certo dia, eu e mais duas coordenadoras da comunidade terapêutica conversavam na secretaria da instituição quando Talita surgiu com o pedido de realizar uma ligação telefônica para seu companheiro. Ela parecia bastante nervosa e ansiosa e, diante do pedido feito, uma das coordenadoras insistia que seria melhor não fazer mais uma ligação, visto que o companheiro de Talita não havia atendido as várias outras ligações anteriores. A interna então muda de ideia e decide que irá ligar para uma das irmãs de seu companheiro para buscar informações sobre ele e, pelo menos, tentar descobrir por que ele não atendia suas ligações. Por fim foi permitido que Talita fizesse a ligação e, no decorrer da conversa, ela descobre que seu – até então – companheiro estava vivendo com outra mulher na casa em que Talita e ele viviam antes dela buscar tratamento no CFCEBS. Diante dessa situação, tornou-se necessário o esforço de toda equipe de apoio presente na instituição para acalmar Talita e fazê-la desistir da ideia de abandonar o tratamento para buscar satisfações pessoalmente a respeito do que havia descoberto¹⁹ (Diário de campo, 15 de janeiro de 2018)

¹⁹ Nessa ocasião, Talita estava em seu terceiro mês de tratamento. Meses depois, recebemos uma mensagem de uma das coordenadoras dizendo que Talita havia concluído os 9 meses. Na

O caso de Talita serve apenas para ilustrar como o abandono sofrido por várias dessas mulheres impacta diretamente nas expectativas que elas constroem ao longo do tratamento. Por sinal, segundo as coordenadoras da instituição, o sentimento de solidão é a razão apontada como sendo a maior das razões pelas quais as internas interrompem o tratamento. Nesse cenário, tornar-se uma mulher cristã implica, muitas vezes, aprender a lidar com a ausência daqueles que mais se ama.

Nesse ponto, acreditamos que o conceito de carreira moral (GOFFMAN, 1988) é extremamente útil para analisarmos as trajetórias construídas pelas mulheres em tratamento no CFCEBS. Tal conceito refere-se à sequência de transformações que promovem efeitos diretos na identidade e no esquema de imagens que o indivíduo usa para avaliar ou julgar a si mesmo e os outros. Neste sentido, o conceito de carreira moral nos ajuda a entender como as internas do CFCEBS estabelecem uma reordenação moral para suas vidas, além de gradualmente se compreenderem como indivíduos doentes. Como vimos anteriormente, quando chega à instituição, a novata precisa se afastar de sua concepção de si mesma, se despindo dos referenciais identificatórios que carregava até então. Esse é, portanto, o primeiro passo dado pela interna, na elaboração de uma nova carreira moral, uma vez que ela passará por mudanças radicais e progressivas em suas crenças sobre si mesma e sobre as demais pessoas.

Todos os aprendizados pelos quais a interna precisa passar quando ingressa no CFCEBS (aprender a manusear a bíblia, adotar um novo vestuário e um novo vocabulário, participar das atividades religiosas da instituição, entre outros) operam no sentido de remodelar a identidade deteriorada (GOFFMAN, 1988) de dependente química para que ela se transmute em uma identidade socialmente aceita e em conformidade com os preceitos defendidos pela

mensagem, também havia duas fotos, uma mostrando como Talita estava fisicamente ao ingressar no tratamento e outra mostrando Talita com uma aparência mais saudável.

comunidade terapêutica. Para que este processo seja bem sucedido, é fundamental que a novata demonstre adesão ao tratamento contra a dependência química e às demais orientações institucionais. Assim, o objetivo do trabalho realizado pelo CFCEBS apresenta uma bifurcação, pois não há recuperação da dependência química se a interna não alcançar o ideal de mulher cristã, ao mesmo tempo em que o ideal de mulher cristã só pode ser atingido se houver concomitantemente o afastamento do vício em drogas.

Considerações finais

A transformação de adictas em mulheres cristãs no âmbito do CFCEBS revela-se como um processo no qual uma série de comportamentos são adotados em prol da substituição de uma identidade deteriorada (GOFFMAN, 1988) por outra que coaduna com os preceitos religiosos. E, sem esquecer que a instituição em tela trata-se de um “centro de formação cristã”, não se pode perder de vista que o objetivo principal que mobiliza o trabalho ali realizado é a capacitação das internas para que as mesmas possam exercer plenamente as funções de mães, esposas, filhas e fiéis, tal como a doutrina batista determina, ao final do tratamento.

Outro aspecto a ser destacado é o fato de que a proposta de tratamento aplicada pelo CFCEBS possui elementos capazes de contemplar o problema da dependência química por dois ângulos diferentes: o do corpo e da alma. Nesta instituição o vício em drogas não é visto apenas como algo que promove danos físicos, mas também como uma forma de violência emocional e espiritual. Diante disso, a estratégia usada pelo CFCEBS vale-se de recursos religiosos que buscam a recuperação do corpo e da alma através da fé.

Enfim, é possível concluir que o CFCEBS atua no sentido de efetivar tanto a recuperação da dependência química quanto a transformação das identidades das mulheres que aderem ao tratamento. E, embora não nos caiba avaliar os resultados obtidos pela instituição, é extremamente importante

sublinhar que a atuação de CTRs semelhantes ao CFCEBS pode ser vista como mais uma das formas pelas quais a retórica evangélica chega até à sociedade mais abrangente.

Referências

- ARAÚJO, Tarso. *Almanaque das Drogas*. Rio de Janeiro: Editora Leya, 2012.
- DAÉB'S, Bianca. Ser Mulher Batista. *Reger Virtual*, vol. 1, 2007, p. 52-67.
- FERRARI, Ilka Franco. Mulheres encarceradas: elas, seus filhos e nossas políticas. *Rev. Mal-Estar Subj.* vol. 10, n. 4, 2010, p. 1325-1354.
- GOFFMAN, Erving. *Estigma*. Rio de Janeiro: Guanabara Koogan, 1988.
- _____. *Manicômios, prisões e conventos*. São Paulo: Perspectiva, 1974.
- HIGINO, Elaine Simões Calza. Mulher cristã: desafios no desempenho das funções doméstica e/ou profissional. *Revista Ensaios Teológicos*, vol. 1, n. 1, 2015, p. 113-127.
- LARANJEIRA, Ronaldo; ZANELATO, Neide. *O tratamento da dependência química e as terapias cognitivo-comportamentais: um guia para terapeutas*. Porto Alegre: Artmed, 2013.
- MAGALHÃES FILHO, José Rômulo de. Mulher pentecostal: entre a vida religiosa e realidade social. In: *Anais da Reunião Equatorial de Antropologia e X Reunião de Antropólogos Norte-Nordeste*, 2007.
- MANUAL da União Feminina Missionária Batista do Brasil. Rio de Janeiro: Juerp, 1981.
- MOREIRA, Thiago. *Da tradição à renovação na Igreja Batista da Lagoinha: um olhar sobre o protestantismo renovado*. Dissertação (Mestrado em Ciência da Religião), UFRJ, Rio de Janeiro, 2016.
- OLIVEIRA, Daiane Rodrigues. A representação da mulher cristã em Visão Missionária: sobre o funcionamento de uma semântica global na construção de uma identidade feminina. In: *Anais do II Simpósio Nacional Discurso, Identidade e Sociedade: dilemas e desafios na contemporaneidade*. 2012a.
- _____. Receita de beleza para mulheres cristãs: o funcionamento da semântica global batista no discurso sobre o feminino. In: *Revista Estudos da Língua(gem)*, vol. 10, n. 1, p. 109-122, 2012b.
- RIBEIRO, Fernanda Mendes Lages; MINAYO, Maria Cecília de Souza. As Comunidades Terapêuticas religiosas na recuperação de dependentes de drogas: o caso de Manguinhos, RJ, Brasil. *Interface*, vol.19, n.54, p. 515-526, 2015.
- RIGONI, Ana Carolina Capellini; PRODÓCIMO, Elaine. 2013. Corpo e Religião: marcas da Educação Evangélica no Corpo Feminino. *Revista Brasileira de Ciências do Esporte*, vol. 35, p. 227-243, 2013.
- SPINOZA, Benedictus de. *Ética*. Belo Horizonte: Autêntica, 2009.

SOARES, Barbara M.; ILGENFRITZ, Iara. 2013. *Prisioneiras: vida e violência atrás das grades*. Rio de Janeiro: Garamond, 2013.

Recebido em: 16 -12-2019
Aprovado em: 10- 06-2020